

AS MÚLTIPLAS FACES DE AGOSTINHO

PAULO VINICIUS FIGUEIREDO DOS SANTOS¹

O gênero biográfico perdeu muita importância nas últimas décadas dentro da historiografia. Relegado a uma importância secundária diante de trabalhos mais específicos, foi ao longo de metade do século XX, um estilo de escrita que auxiliou o estudo de diversas conjunturas históricas. Sua importância esteve presente na construção de um pano de fundo para figuras históricas como Péricles, Alexandre ou Constantino. Não se trata propriamente da biografia em si, mas do que ela nos permite enxergar além da trajetória de vida da figura em questão.

Mas, nenhum personagem teve um número tão grande de trabalhos feitos a seu respeito como Santo Agostinho. Inúmeros autores se debruçaram sobre a história do famoso bispo de Hipona e buscou analisá-lo por diferentes perspectivas. Sendo este trabalho uma biografia direta ou um estudo em que algum dos conceitos trabalhados por Agostinho estivesse presentes, o bispo teve sua trajetória analisada detalhadamente. Agostinho foi um homem extremamente prolífico e escreveu mais de uma centena de trabalhos e seus sermões também chegaram a nós. Diferentemente de outros personagens que permanecem em um manto de obscuridão, Agostinho continua a ser único.

Neste artigo, faço uma proposição diferente. Ao invés de ser mais um biógrafo de Agostinho, gostaria de fazer um exercício metodológico: analisar e pontuar alguns autores que escreveram sobre o bispo de Hipona e apresentar suas diferenças e semelhanças. Além disso, tecer alguns comentários a respeito com base em pesquisas mais recentes da vida de Agostinho. Para isso, escolhi três autores-chave de forma a estabelecer essas comparações. Cada um deles analisou Agostinho sob uma perspectiva diferenciada e enxergou indivíduos distintos: um mestre, um filósofo e um místico. Mas todos não são o mesmo homem? Certamente que sim, mas nos mostra como Agostinho é um ser complexo e que permite esse tipo de divagação a seu respeito. Salvo Garry Wills, que pertence a uma escola historiográfica mais recente, Henri-Irenee Marrou e

¹ Mestrando em História das Instituições pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

Peter Brown são clássicos sobre a biografia agostinianas e representam escolas de análise não só sobre o autor em si, mas sobre o período em que viveu. Peter Brown, por exemplo, foi um dos defensores do termo “Antiguidade Tardia”, que representava o período entre os séculos III e VI quando Roma se via diante de uma crise que levou à sua queda em 476.

Henri-Irenee Marrou

Um estudioso da história da educação na Antiguidade, Marrou nos apresenta a face de Agostinho como sendo a de um mestre. Um mestre que é capaz de deixar lições filosóficas e morais a seus discípulos. Através de suas obras, Marrou apresenta a sensibilidade de um homem do Baixo Império que dedicou sua vida a divulgar a doutrina cristã através de suas obras, sermões e cartas. Marrou destaca que os sermões e cartas eram muitas vezes copiados, pois se tratavam de enormes tratados teológicos.

Marrou sente dificuldades em apresenta uma linha-mestra capaz de dar coerência a estas obras. Segundo ele, Agostinho tratou de tantos temas diferentes que, mesmo sua obra *Retractationes*, que busca ser uma espécie de índice não consegue dar uma lógica completa. O autor nos apresenta algumas tentativas de estabelecer uma espécie de cronologia da obra separando ora por adversários que enfrentou, ora por temas que abordou. São estes adversários que Marrou demonstra certo desapontamento já que nem todos foram tão importantes adversários para Agostinho. Implícito aí está uma vontade do autor de que determinados temas tivessem tido uma atenção maior.

Ao historiador tradicional a forma como Marrou se refere a Agostinho pode, às vezes, parecer um tanto incômoda. Em alguns trechos o autor se emociona, ressalta a inteligência de Agostinho, exclama quando Agostinho toma o “rumo certo”. Diante de um homem dessa natureza, é muito difícil esconder esse tipo de afirmações. Mesmo em um grande pesquisador como Peter Brown, essa postura vai aparecer em alguns momentos. Isso de forma alguma desmerece o trabalho do autor. Quando redigimos uma biografia assumimos o risco de nos apaixonarmos pela figura do biografado. Afinal, para Marrou:

“Não parece necessário estabelecer provas desta presença, sempre tão sensível, de Santo Agostinho no seio da cultura das últimas gerações – e também da nossa. Continua a ser um dos raros pensadores cristãos que os não-cristãos sabem pelo menos que existe e a quem concedem um lugar na evolução do espírito humano. (...)” (MARROU, 1956; 181).

Incomoda um pouco seu anacronismo, mas isso é algo típico da década de 1950. Faz algumas comparações incômodas como alegar que os imperadores romanos do Baixo Império eram de tendência totalitarista ou que os executores das leis seriam o equivalente romano da Gestapo. São pequenas falhas que nos apresentam um historiador que, como diria Marc Bloch, é “filho de seu tempo” e que cujas marcas da Segunda Guerra Mundial ainda estavam presentes. Marrou fez parte da resistência francesa quando da ocupação nazista e esteve na luta de independência da Argélia. Tais comparações dentro de suas obras estarão sempre presentes. Sua obra atendia a um anseio do autor ou a dúvidas da sociedade e a busca por resposta para problemas atuais em épocas passadas.

O destaque dado à formação intelectual de Agostinho é uma parte importante da obra. Por ser um conhecedor da educação na Antiguidade, Marrou nos fornece detalhes importantes sobre que pontos foram importantes na sua formação. Nos revela até que resquícios de sua educação clássica permaneceram em seus tratados. Marrou apresenta brevemente a forma como a retórica era ensinada, pois esta foi um instrumento de Agostinho em seus principais debates. O esquadramento da formação intelectual do autor é importante, pois nos dá a oportunidade de saber que pontos ele avançou e que pontos ele incorporou autores clássicos.

“Importa examinar, com certa atenção, a natureza dessa formação de base, pois todo o pensamento e a obra inteira de Agostinho revelam estrita dependência dela tanto nos caracteres positivos como nas deficiências, no que têm de bom ou de mau. (...)” (MARROU, 1956; 16).

Dá pouca importância ao envolvimento político de Agostinho: quase não o vemos. Marrou nos dá a impressão de que Agostinho orbitava ao redor dos acontecimentos de sua época. Porém, o saque de Roma tem uma atenção especial por parte do autor. Para ele, este fato teria sido fundamental para escrita de A Cidade de Deus. É nesta obra que Agostinho mostraria como preferia lidar com os ímpios e o que

era o mal. Marrou apresenta Agostinho como um homem que preferia permanecer em sua cidade a se envolver com querelas religiosas.

Dentre seus inúmeros adversários, chamam a atenção os longos parágrafos escritos sobre os pelagianos. Sem dúvida alguma os maiores adversários de Agostinho, Marrou os traça como intelectuais experientes e de formação clássica. Teria sido neste ambiente que Agostinho alcançaria seu brilho maior. Quanto às outras questões, ficam em segundo plano. Os maniqueístas são apresentados mais como coadjuvantes, como uma pequena parte da “evolução” intelectual do autor. Merece destaque o encontro de Agostinho com Fausto de Milevo, o qual Marrou fala que desapontou profundamente Agostinho por sua falta de conteúdo teológico. Aos donatistas é dedicado ainda menos espaço, usado meramente para ressaltar as qualidades dos vários Comentários (aos Salmos, ao Gênesis, às cartas de São Paulo) que Agostinho fez.

A terceira parte da biografia de Agostinho serve para que o autor faça uma análise psicológica sobre o autor. Apresenta o bispo como um homem rigoroso e que, diferente de seus contemporâneos, trabalhava sem uma equipe de suporte. Se tratou de um homem que descobriu a si mesmo a partir de uma relação com o cristianismo. Suas discussões sobre a graça, o livre-arbítrio e o mal nada mais eram do que suas próprias inquietações. Marrou apresenta apenas um defeito: o desdém declarado de Agostinho para a maior parte do conhecimento humano. Para ele, todo o conhecimento que não vem de Deus é profano e deve ser desconsiderado. Marrou alega que este talvez tenha sido o legado mais discutível de Agostinho já que a Igreja medieval levou esta idéia às últimas conseqüências.

A maior contribuição de Marrou é a discussão sobre o agostinismo. Trata-se de como outras épocas enxergaram Agostinho e suas idéias. Diferentes aspectos de Agostinho foram mais ressaltados enquanto outros menos. Por exemplo, aponta as inúmeras cópias feitas pelos francos das obras anti-pelagianas que tratavam do tema da graça. Em um momento em que se discutiam os limites da interferência da Igreja, a teoria da graça serviu perfeitamente para encontrar uma solução. Marrou aponta também a importância que a leitura de Agostinho teve para Descartes na formulação de seu método cartesiano.

O ponto mais controverso é quanto a uma possível transformação de Agostinho de um teólogo para um místico ao final de sua vida. Marrou não nos dá uma resposta

definitiva, se contradizendo em alguns pontos. Sua tendência a uma vida ascética e de contemplação é que daria a abertura para pensarmos desta forma. Agostinho alega que nunca compreendeu de verdade a natureza de Deus; sua experiência é momentânea ou, em suas palavras, arrebatadoras. Marrou fala que mesmo ele sendo um místico, não deixaria de ser um filósofo e um teólogo. Se trataria de uma tendência ascética intrínseca a ele por causa de sua formação clássica.

Peter Brown

Este é, sem dúvida alguma, o maior biógrafo de Agostinho ainda em atividade. Seu mérito está em sua capacidade de trabalhar as obras de Agostinho ao lado de suas influências e seus contemporâneos. Sua metodologia de pesquisa alia contextualização histórica, formação intelectual e análise das obras. Brown trabalha a biografia como sendo a de um homem de muita inteligência inserido em uma conjuntura específica. Foi um homem necessário para a formação da doutrina cristã. Nos apresenta alguém dedicado a uma missão: conhecer a si mesmo e seu papel no mundo. Dentro dessa caminhada pelo auto-conhecimento ajudou a Igreja a se estabelecer como uma religião com normas claras.

Agostinho é tratado como um filósofo com uma formação clássica muito estrita. Vários capítulos são dedicados a demonstrar quem foram seus mestres e quais foram as suas influências. Vemos ao longo da obra, especial atenção para duas figuras: Ambrósio de Milão e Cícero. A virada de Agostinho em direção ao cristianismo não teria acontecido sem a influência desses dois indivíduos. O contato de Agostinho com o *Hortensius* (obre hoje perdida) de Cícero, para Brown, foi fundamental. Como retórico, Agostinho já havia se deparado com outras obras de Cícero como o *Da Republica*. No entanto, a obra viria a responder algumas dúvidas específicas para Agostinho no final de sua adolescência. Cícero foi uma influência decorrente em suas obras e sermões até a sua velhice. Na mesma época em que se vê às voltas com Cícero, ocorre o encontro entre Agostinho e Ambrósio. Brown revela a grande deferência que Agostinho tem por Ambrósio a ponto de se sentir envergonhado em falar com ele. Nas palavras de Brown:

“(...) Nessa época, Ambrósio havia introduzido novas melodias orientais emocionantes, a fim de que sua congregação pudesse cantar os Salmos enquanto era sitiada pelas tropas imperiais. Ele havia “enfeitiçado” os católicos com seus novos hinos. (...)” (BROWN, 2006; 98).

A apresentação de Agostinho como um ser humano com qualidades e defeitos é outro ponto forte da biografia de Brown. Apesar de seu fascínio pelo bispo em alguns momentos, podemos ver as pontuações do autor acerca de características do homem Agostinho. Seu envolvimento com uma concubina, sua relação com seus parentes e sua sensibilidade com seus amigos. Por esse motivo, as menções e os parágrafos dedicados a falar um pouco sobre os aliados e os inimigos de Agostinho é tão importante. Esses detalhes dão uma profundidade e uma dimensão maior à sua obra. Ao falar sobre a controvérsia pelagiana, as breves biografias e idéias de Pelágio e Juliano de Eclano tornam estes homens mais compreensíveis aos leitores.

No conjunto dessas relações está a própria redação das obras. Vemos, pela pena de Peter Brown, que algumas delas tiveram interferência direta das relações entre Agostinho e seus parentes e amigos. Brown nos apresenta o contexto em que o *De Magistro* foi escrito durante os últimos dias da vida do filho de Agostinho, Adeodato. A própria rotina na Igreja de Agostinho podia interferir com a criação de suas obras. Outras de suas obras eram escritas como Comentários acerca de tratados de outros autores. O autor nos dá conta de que no final de sua vida, Agostinho tentou escrever uma obra que servisse como uma leitura introdutória às suas obras de forma a facilitar o acesso para o público geral. Mas foi um trabalho que nunca chegou ao fim porque Agostinho se viu às voltas com novas controvérsias.

A heresia maniqueísta foi fundamental para a formação intelectual de Agostinho. Brown aponta que por causa disso, Agostinho se deparou com autores muito diferentes dos que Ambrósio ou Jerônimo, por exemplo, haviam tido contato. O conhecimento do maniqueísmo lhe serviu também para derrotar em debates públicos homens como Fortunato e Fausto. Como os maniqueístas, Agostinho era um profundo conhecedor das obras de São Paulo, o que lhe fornecia uma nova perspectiva em seus ensinamentos. Brown alega ainda que Agostinho terá alguns lampejos da fé maniqueísta quando se viu imerso na controvérsia pelagiana. Ao discutir noções sobre a predestinação irá utilizar argumentos tipicamente maniqueístas. Isso nos mostra que todo o conhecimento de Agostinho é uma formação feita a partir de inúmeras influências que não desaparecem.

Uma questão levantada por Brown é a de que o saque de Roma não teve grande importância para Agostinho. Certamente foi um choque para o bispo que fez um discurso em Cartago algum tempo depois demonstrando seus sentimentos para com as vítimas. Se a cidade foi saqueada ou devastada, significa que Deus estava punindo a cidade pelos pecados de seus cidadãos. E Agostinho estava muito mais preocupado naquele momento com a retirada do apoio imperial à contenção da heresia donatista.

“(...) Nos escritos agostinianos dessa época encontramos comentários perspicazes lado a lado com a expressão de interesses políticos egoístas; a busca calculada de sua própria autoridade, num clima de crise, misturada a uma preocupação crescente com temas fundamentais, como a culpa e o sofrimento, a velhice e a morte.” (BROWN, 2006; 360).

A grande contribuição de Peter Brown está no apêndice. O autor escreve dois capítulos extras quinze anos depois da publicação da primeira edição. Nestes capítulos ele apresenta as novas descobertas e rumos que a pesquisa sobre Agostinho havia tomado. Ao nos mostrar trechos de cartas e sermões encontrados por Dolbeau e Divjak, novos detalhes são deslindados sobre o bispo. Através das cartas podemos nos deparar com noções mais cruas e fórmulas mais fáceis que Agostinho usava para explicar suas idéias. Nos mostra que o ofício do historiador é constante e que um tema não é abandonado após a criação de um livro.

Garry Wills

Usando uma abordagem diferente em relação a seus antecessores, Garry Wills procura destacar um lado mais religioso de Agostinho. Ressaltando suas contribuições como teólogo, vai apresentar uma profunda conexão entre as obras mais clássicas como *As Confissões* e *A Cidade de Deus*. Em alguns momentos, Wills deixa transparecer que Agostinho teria sido um místico.

Logo no início de seu trabalho faz uma crítica à interpretação posterior da *Cidade de Deus* e das *Confissões*. Para Wills, a *Cidade de Deus* nada tem a ver com uma obra que disserta sobre as relações entre Estado e Igreja. Seu objetivo não seria

nada além de mostrar a verdade pela qual os homens se relacionariam com uma cidade celeste a partir de boas ações. Mais ainda: Wills diz que a maior parte dos estudiosos de Agostinho se focam em questões mais mundanas como o casamento, o sexo, o celibato. “A visão mais superficial, bastante comum, de Agostinho transforma o grande investigador em nada além de um grande pecador, um ex-libertino obcecado por sexo. (...)” (WILLS, 1999; 12).

Ele discorda até mesmo do título dado para sua auto-biografia, as Confissões. O objetivo desta obra não estaria em uma confissão de pecados passados. O autor se justifica alegando que uma confissão, no sentido em que a conhecemos nos dias de hoje, era obtida por meio de tortura. Uma modalidade semelhante a que o Santo Ofício usará séculos mais tarde. Confissões viria do latim *confiteri* que tem a ver com testemunho. Usando o Evangelho de São João como base, Wills alega que *confiteri* significava a recitação de atos passados. Através dessa recitação, Agostinho estaria fazendo um exercício de reflexão sobre suas ações passadas para alcançar um futuro melhor.

Para Wills, apesar de Agostinho ter sido educado na formação clássica estudando retórica, os clássicos gregos, ciências e matemática, este teria retido alguns elementos da cultura africana. Quando vai tratar do tempo na história pensa em um formato de mosaico. Pensa as coisas como parte de um rearranjo cósmico onde as peças se encontram em seu lugar certo, seja este certo algo regular ou irregular. Destaca a aptidão de Agostinho pela retórica, o que o tornará um professor famoso antes de sua conversão.

Frequentemente, o autor utiliza alegorias para mostrar que as ações de Agostinho possuem um significado maior. O roubo de peras quando este era adolescente é mencionado em várias partes do texto, mostrando que o autor não era uma pessoa perfeita. Nesta etapa de sua vida, Agostinho vivia com Romaniano, um protetor que lhe fornecia estadia, alimentação e estudos a ele. Agostinho teria roubado as peras por puro prazer. Destaca ainda que outros pecados mais graves deste momento rebelde de Agostinho assim como sua vida sexual libertina para os padrões da época, não são considerados com a mesma gravidade. Em suas Confissões, Agostinho apontaria que humanos em algumas ocasiões são capazes de fazer o mal buscando um bem. Teria dito até que mesmo entre ladrões existiriam atos de companheirismo, o que ressaltaria um

bem mesmo entre más ações. Wills diz que era desta maneira que Agostinho nos faria compreender sua noção de vontade humana.

Wills alega que a conversão de Agostinho teria ocorrido mais por conta de sua formação intelectual clássica. O cristianismo era uma religião pouco trabalhada em seus aspectos doutrinários. A verdade é que ela não respondia às inquietações. As Escrituras eram lidas ao pé da letra, sem comentários que suscitassem uma reflexão mais profunda. Já o maniqueísmo possuía uma lógica própria. Era uma religião que fornecia uma resposta pronta para seus devotos. Além disso, Agostinho teve contato com um grupo de jovens maniqueístas em Cartago que o haviam fascinado. Outro elemento que teria auxiliado na conversão ao maniqueísmo foi o contato com o *Hortensius* de Cícero.

“(...) O diálogo de Cícero fica evidente nos fragmentos preservados por Agostinho e outros, foi um exercício motivador (protrepticon) incitando o leitor a perseguir a sabedoria renunciando à ambição e ao prazer – e, até mesmo, à retórica. (...)” (WILLS, 1999; 49).

Discordando de outros autores, Wills coloca que a influência de Ambrósio na conversão de Agostinho não foi tão grande quanto pareceu. No final de sua vida, Agostinho parece que recorreu mais a Ambrósio do que no início. Em sua obra *Solilóquios*, Agostinho escreve que Ambrósio havia lhe tratado muito friamente. Essa valorização da figura de Ambrósio na vida de Agostinho também se deve a Possídio, biógrafo de Agostinho. A prova dessa indiferença com Ambrósio foi o fato de que nunca trocaram correspondências, não houve nenhuma obra dedicada a ele e, por muitos anos, Ambrósio não é sequer mencionado por Agostinho. Cumpre dizer que o responsável pela conversão de Agostinho, segundo Wills, foi Simpliciano. Este foi um mestre para Agostinho na doutrina cristã. Atendia-o com atenção e procurava responder a todas as suas perguntas. Simpliciano era adepto do neoplatonismo e deve ter apresentado um ou dois trabalhos a Agostinho. Era isso o que faltava para que o futuro bispo de Hipona acreditasse na profundidade teológica do cristianismo. Faltava uma forma de pensar que permitisse a extrapolação do elemento escrito. E Agostinho encontrou isso no neoplatonismo.

Os donatistas recebem uma grande importância no trabalho de Wills. Quando se torna bispo de Hipona, livrar a Igreja dos donatistas era uma das ações em pauta. Este era um problema que vinha se arrastando desde a época de Diocleciano e vinham se

multiplicando na África. Há um destaque dado aos circunceliões, facção violenta dos donatistas, responsável por inúmeros ataques feitos a padres e bispos. Agostinho escapa por muito pouco de uma tentativa de assassinato perpetrada por um grupo de circunceliões. Em um primeiro momento, Agostinho procura lidar com os donatistas com sutileza, pretendendo solucionar o problema internamente. Mas, vendo que não havia como resolver o problema dessa forma, convocou uma espécie de confrontação, ocorrida em 411, na cidade de Cartago. Ao longo de vários dias, 284 bispos donatistas entram em confronto com 286 bispos cristãos arbitrados por Marcelino. Três dias depois o donatismo é considerado uma heresia e passa a ser uma religião perseguida. Wills entende que o caminho que Agostinho precisa traçar para alcançar formulações teóricas mais complexas como a graça e a predestinação devia passar por esse obstáculo que era o donatismo.

Conclusão

Retomo os pensamentos iniciais deste artigo, citando um texto de Bourdieu chamado de A Ilusão Biográfica:

“(...) Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, *Uma vida*, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história. (...)” (BOURDIEU, 2006; 183).

Isso nos abre portas para que possamos compreender uma trajetória não como algo linear e facilmente explicável, mas como sequência ilógica de acontecimentos. Não é possível compreender uma existência a partir de elementos racionais, mas sim compreendendo que certas escolhas são feitas tendo como base paixões. Agostinho foi um homem que fez inúmeras escolhas as quais ele mesmo repudiou em sua autobiografia.

O que podemos concluir desse pequeno exercício metodológico é que a análise biográfica é fruto de nossa própria percepção do que estamos estudando. Certos elementos vão se destacar mais para alguns enquanto outros saltarão aos olhos de outros. Exemplificando pelo meu caso, dou maior destaque aos conflitos e às palavras ácidas de Agostinho contra seus rivais. Em uma biografia feita por mim, eu destacaria mais os elementos polêmicos e as controvérsias trazidas à tona pelo autor. Elementos de caráter mais contemplativo da vida do autor tomariam menos importância e seriam relegados ao segundo plano.

A partir desta “honestidade” metodológica trago à tona um tema frequentemente discutido pelos teóricos da História: a parcialidade. Não quero, com este trabalho, alegar que todos somos parciais e escrevemos a partir de nossas emoções sobre o objeto de pesquisa. Ao mesmo tempo, não somos imparciais porque estas escolhas estão presentes no discurso historiográfico. Nesta estrada em busca da identidade do historiador, nunca alcançaremos lugar algum, pois ambas as características (parcialidade e imparcialidade) são parte do ofício. Sempre trilhamos uma linha tênue entre a objetividade e a paixão, e tal é inevitável. Evitável deve ser nos afogarmos em qualquer um dos dois mares.

Uma segunda conclusão a qual podemos chegar é que falta muito ainda para conhecermos realmente o bispo de Hipona. Agostinho certamente é um homem fascinante e que, por este motivo, suscita tantos trabalhos a seu respeito. O fato de ter escrito uma auto-biografia tão honesta quando o padrão era uma biografia que ressaltasse o ego do biografado, nos mostra um homem que não teve medo de mostrar sua face a seus contemporâneos. Ao mesmo tempo, Agostinho nos deixa uma pequena dúvida que muitos historiadores da Antiguidade sabem que ela existe, mas preferem passar adiante pelo prestígio do bispo: o quão sincero Agostinho foi em sua auto-biografia. Quando analisamos a controvérsia maniqueísta, não temos o depoimento de um maniqueu, apenas as críticas e a análise de Agostinho.

Bibliografia:

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica IN AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997.

BROWN, Peter. *Santo Agostinho: Uma biografia*. Rio de Janeiro, Record, 2006.

MARROU, Henri-Irenee. *Santo Agostinho e o agostinianismo*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1957.

WILLS, Gary. *Breves Biografias: Santo Agostinho*, Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.